

O capital social do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) no Oeste Catarinense
The social capital of the Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) in Western Santa Catarina

Marluse Castro Maciel

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), São Carlos, SC, Brasil

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: Um dos movimentos sociais do campo mais presentes no Oeste de Santa Catarina é o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC). O objetivo principal da pesquisa foi compreender como se constituiu o capital social dos movimentos sociais. Foram realizadas entrevistas com lideranças do município de São Carlos e de Chapecó, sede do movimento. Também houve registro no diário de campo e pesquisa bibliográfica. Partiu-se do pressuposto que o MMC possui capital social que agrega valores, inclusive econômicos, aos seus produtos e dá visibilidade às suas ações políticas. O capital social se agrega a produção de plantas medicinais, a manutenção das sementes crioulas, a agroecologia, a pesca, etc, ações características destes movimentos sociais, bem como aproxima-os da sociedade em geral. Além disso, percebeu-se que este movimento é o que tem mais presente o debate interseccional envolvendo além da questão agrária a abordagem de gênero.

Palavras-chave: movimento das mulheres camponesas; capital social; gênero.

Abstract: One of the most prominent rural social movements in the western region of Santa Catarina is the Peasant Women's Movement (MMC). The main objective of this research was to understand how the social capital of social movements is formed. Interviews were conducted with leaders from the municipalities of São Carlos and Chapecó, where the movement is headquartered. Field diary records and bibliographic research were also used. The study was based on the assumption that the MMC possesses social capital that adds value—including economic value—to its products and gives visibility to its political actions. This social capital is linked to the production of medicinal plants, the preservation of heirloom seeds, agroecology, fishing, and other activities characteristic of these social movements, as well as bringing them closer to society in general. Furthermore, it was observed that this movement most strongly incorporates an intersectional debate, addressing not only agrarian issues but also gender perspectives.

Keywords: Peasant Women's Movement; social capital; gender.

1. Introdução

A partir de uma pesquisa sobre os movimentos sociais do campo, foi possível perceber que o movimento social mais presente em várias cidades do Oeste de Santa Catarina é o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) que abrange a macrorregião de Chapecó. O objetivo principal foi pesquisar como se constituiu o capital social deste movimento e além disso pesquisar sobre os debates interseccionais realizados por este movimento, como por exemplo: gênero, questões étnico-raciais, agroecologia, cooperativismo e associativismo, foi o objetivo específico. Para chegar aos objetivos, além pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas com lideranças do município de São Carlos e de Chapecó, sede do MMC.

Além de pesquisar sobre o valor agregado aos produtos de acordo com o princípio do capital social, abordamos o quanto este capital social está vinculado a uma ideia de projeto político na perspectiva da transformação social.

2. Revisão da Literatura

O conceito principal abordado nesta pesquisa foi o de Capital social que segundo Putnam (1998) apud D'Araujo (2003) é capacidade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos.

O Capital Social fundado na rede de grupos e pressupõe o mercado de bens materiais e simbólicos, assim como sustenta BOURDIEU (1999) e está em consonância com as formulações sobre habitus, “sistema de esquemas para a elaboração de práticas concretas, ou esquemas estruturados, incorporados pelos agentes sob a forma de um senso prático que facilita sua orientação nos domínios relativos à existência social” (BOURDIEU, 1980, apud BONAMINO et. al., 2010, p. 490)

A pesquisa mostrou que o capital social agrega recursos reais e potenciais às suas ações conforme analisar os teóricos. D'Araujo (2003) enfatiza que a participação civil é muito importante para a configuração do capital social, então podemos afirmar que os movimentos sociais se estabelecem como este tipo de grupo. Corroborar com esta ideia os estudos de PAOLI,

Nascidos no campo da ação coletiva – portanto, como práticas e representações de atores constituídos por mobilizações definidas em tempos e espaços específicos – os movimentos sociais nas últimas duas décadas entraram, desde cedo, na linguagem e no debate político das sociedades contemporâneas. (PAOLI, 1997, p. 24)

Sua análise demonstra que a noção de movimento social estabelece uma rede de operações com sentido político. Eles constituem uma identidade sociais para fora das suas instâncias, apresentando-se um arcabouço de ideias que constituem o que Bourdieu chama de capital social.

Percebe-se que os movimentos sociais são dotados de identidade própria que perpassam pelas suas ações, símbolos, pautas políticas e sociais, etc.

3. Metodologia

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos entrevistas com os representantes dos movimentos sociais e para isso foi necessário passar pela aprovação do comitê de ética em pesquisa no IFSC.

Foram realizadas cinco entrevistas dirigidas com representantes do Movimento das Mulheres camponesas (MMC), conforme descrito nas referências Além disso foram realizados registros nos diários de campo.

4. Resultados e Discussão dos Resultados

As lideranças do MMC de São Carlos e Chapecó, afirmaram que movimento começou pela necessidade de as mulheres camponesas se inserirem na comunidade, pela falta de identidade social, pois na época elas não tinham documentos, eram obrigadas a usar o documento do marido, assim não podiam ser reconhecidas pela sociedade como trabalhadoras e cidadãs, não só donas de casa. Estas respostas foram unânimes entre todas as entrevistadas. Abaixo um depoimento da Rosalina

Eu não tinha identidade, eu fiz minha identidade, muitos anos depois, então assim, se eu precisasse de um documento desde que eu tinha já casado, fui eu tirar uma ficha no dentista para o Cláudio, aí pediram “trouxe os documentos”, eu não tenho, eu tinha do meu pai, mas agora eu tenho a carteira do meu marido. (SILVA, 2024)

Esta situação dificultava as mulheres acessarem direitos básicos, como por exemplo à saúde, dela e do filho. Foi a partir da necessidade de serem reconhecidas como cidadãs autônomas que o movimento iniciou, primeiro como Movimento das Mulheres agricultoras e depois Movimento das Mulheres camponesas.

O movimento começou por meio da pastoral da mulher camponesa, o que contribuiu para o movimento se expandir para vários municípios.

Na primeira reunião estavam apenas nós quatro mulheres, Selma, Maria Fisher, Amélia Hoss e Loreci Schmitz, nessa reunião foi debatido o porquê de ser necessário começar o movimento na região, pela falta de direitos que as mulheres exerciam. A partir disso, as mulheres presentes nessa reunião foram convidando algumas conhecidas para participar do movimento, então foi se formando a liderança, que era composta pela líder geral, uma secretária e uma tesoureira”. (SCHAEFER e THESING, 2024)

Rosalina, coordenadora da associação chamada “Pitanga Rosa” do MMC estuda, e é uma referência, a área das plantas medicinais, o cuidado com a terra e a produção agroecológica. Já, a Carmem está implantando um viveiro de mudas sem agrotóxicos e a Selma e a Inês, de São Carlos, produzem plantas medicinais e hortaliças, porém hoje em dia para consumo e troca. Todas são guardiãs de sementes crioulas.

Todo ano o MMC também organiza encontros sobre as ervas medicinais e sementes crioulas, é realizado todo ano na propriedade da Família da Zuleica Kern e reúne cerca de 40 mulheres. Esta propriedade é referência em produção agroecológica e sustentável na região.

O MMC é o movimento social que mais possui interseccionalidade, pois por ser um movimento de agricultoras os temas relacionados a gênero sempre estão presentes, suas

primeiras lutas foram para ter documentos pessoais e para ter o direito de se aposentar.

Entendemos por interseccionalidade:

Como as experiências específicas de mulheres de grupos étnicos ou raciais definidos são muitas vezes obscurecidas dentro de categorias mais amplas de raça e gênero, a extensão total da sua vulnerabilidade interseccional ainda permanece desconhecida e precisa, em última análise, ser construída a partir do zero.” (CRENSHAW, 2002, p. 174)

Neste caso, este estudo aponta a relação de gênero relacionada à mulher agricultora e mulher assentada, pois em 1988 o movimento organizou uma grande marcha pela aposentadoria das mulheres agricultoras e foram contempladas na sua reivindicação.

Várias foram as ações do MMC que constitui sua identidade e seu capital social, que sempre perpassam pela questão de gênero e ampliaram seu capital em relação à saúde e ao trabalho.

5. Considerações finais

Podemos afirmar que o capital social deste Movimentos Social agrega valores ao que produzem materialmente ou culturalmente, pois estabelece laços de confiança entre estas mulheres produtoras e a sociedade. Estes valores não são apenas econômicos, mas sim de respeito, credibilidade e visibilidade, porque nem tudo que eles produzem estão “à venda” dentro de uma lógica capitalista. Estas ações do MMC fundamentam sua identidade, seu capital social, laços de confiança e o debate interseccional envolvendo a questão de gênero.

Referências:

Bourdieu, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5a edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

D’araujo, Maria Celina. Capital Social. Coleção Ciências Sociais: Passa-a-passos. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2003.

Paoli, Maria Célia. Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político in Movimentos Sociais e democracia: Sem a gente não tem jeito. p. 24-55, São Paulo: Ed. Marco Zero. 1995.

KERN, Zuleica. Entrevista com representante do MMC. São Carlos, 2024

MUNARINI, Carmen. Entrevista com representante do MMC. Chapecó, 2024.

SHAEFER, Inês e THESING, Selma. Entrevista com representantes do MMC. São Carlos, 2024.

SILVA, Rosalina da. Entrevista com representante do MMC. Chapecó, 2024.